

Palos de Moguer e o convento de la Rabida. — Gravura de Coelho Junior.

A opinião mais geralmente admittida confere a Christovão Colombo a gloria de descobridor da America; comtudo, não deixa de lhe ser contestada com bons fundamentos; e já o nosso Pedro de Mariz tinha escripto o seguinte:

«E bem dizem os que affirmam que os marinheiros que a Christovão Colombo descobriram a navegação do Mundo Novo eram portuguezes, que podiam mui bem ser dos muitos que o infante D. Henrique mandou a este descobrimento, alguns dos quaes não tornaram ao reino; assim que, nem os que querem dar a invenção do descobrimento do Mundo Novo a Christovão Colombo, nem os que dizem que eram náos biscainhas são dignos de credito.» — E depois de outras observações, remata assim: — «E se Christovão Colombo, antes que fosse ao seu descobrimento, promettia n'elle grande somma de oiro e prata, e assim succedeu; claramente se póde inferir que de alguma outra pessoa foi elle certificado d'esta verdade, que a tivesse já visto com os seus olhos; e que o genovez, perito na geographia e astronomia, e grande marinheiro, entrára por isso em pensamentos altivos de commetter e descobrir aquelle novo continente.»

Outras noticias attribuem o descobrimento a um piloto, natural da villa de Cascaes, por nome Affonso Sanches, (1) que ao acaso e depois de trabalhosa navegação achou as terras da America, e veiu aportar com sua caravella á ilha da Madeira, onde falleceu, estando ahi Colombo, a quem communicou as suas informações. O historiador hespanhol Lopes de Gomara, contando na sua *Historia de las Indias* os factos relativos ao navio que fez essa larga e arriscada navegação, depois de referir que uns diziam ser andaluz o piloto, e que negociava para as Canarias e para a Madeira, e outros que era biscainho, que contratava em Inglaterra e França, acrescenta: —«e outros que era portuguez, e ia e vinha da Mina ou India, o que muito quadra com nome que tomaram e tem aquellas novas terras. Tambem ha quem diga que aportou a caravella a Portugal, e quem diga que á Madeira ou a alguma das ilhas dos Açores. Somente todos concordam em que falleceu em casa de Christovão Colombo, em poder do qual ficaram as escripturas da caravella e a relação de toda aquella longa viagem, com a marcação e altura das terras novamente vistas e achadas.»

E o mesmo no capitulo da sua obra intitulada *Quien era Christoval Colon* escreve ainda mais. — «Este Cristovão Colombo começou de pequeno a ser marinheiro, officio que usam muito os da Ribeira de Genova, e assim andou muitos annos na Syria e n'outras partes de Levante: depois foi mestre de fazer cartas de navegar, e por ahi lhe veiu o bem; passou a Portugal a tomar noticia da costa meridional d'Africa e do mais que os portuguezes navegavam, para melhor fazer e vender suas cartas. Casou-se n'aquelle reino, ou, como dizem muitos, na ilha da Madeira, onde penso que residia ao tempo que alli chegou a mencionada caravella; hospedou o patrão d'ella em sua casa, o qual lhe referiu a viagem que lhe acontecêra e as novas terras que tinha visto, para que as assentasse n'uma carta de marear que lhe comprava; falleceu o piloto n'este entremeio, e deixou-lhe a relação, traça e altura das novas terras, e assim teve Christovão Colombo noticia das Indias.» — E mais adiante continúa: — «E como teve noticia d'aquellas novas terras pela relação do piloto morto, informou-se de homens lidos sobre o que diziam os antigos ácerca de outras terras e mundos. Com quem mais communicou isto foi com um fr. João Peres de Marchena, morador no convento de la Rabida.»

Sobre todos estes assumptos e os que com elles prendem podem consultar-se com proveito as *Memorias*, por Antonio Ribeiro dos Santos, no tomo 5.º 1.ª parte da collecção *in folio* publicada pela Academia, e a de Mendo Trigoso sobre Martim de Behaim no tomo 8.º das *Memorias Litterarias* da mesma corpo-

(1) Alguns o fazem natural do condado de Niebla.

ração, e o que a respeito de Americo Vespucio escreveu o fallecido Visconde de Santarem n'uma carta a D. Martin Fernandes Navarrete, incerta no *Bulletin de la Société Geographique de Paris* de outubro de 1835, e as suas posteriores notas em os n.os de setembro de 1836 e fevereiro de 1837.

Colombo, assim amestrado, fez propostas á corte de Portugal para a empreza que meditava, e sendo-lhe rejeitadas dirigiu-se á de Madrid, onde a final foi attendido, como refere o nosso historiador João de Barros nos seguintes termos: «Com este projecto veiu requerer a el-rei D. João que lhe désse alguns navios para ir descobrir a ilha Cypango por este mar occidental; porém el-rei, porque via ser este Christovão Colombo homem fallador e glorioso em mostrar suas habilidades, e mais phantastico e de imaginações com sua ilha Cypango, que certo no que dizia, dava-lhe pouco credito. Comtudo, á força de suas importunações, mandou que estivesse com D. Diogo Ortis, bispo de Ceuta, e com mestre Rodrigo e mestre Joseph, a quem commettia estas coisas da cosmographia e seus descobrimentos, e todos houveram por vaidade as palavras de Christovão Colombo por tudo ser fundado em imaginações (1) e coisas da ilha Cypango por Marco Paulo. E com este desengano despedido elle d'el-rei, se foi para Castella, onde tambem andou ladrando este requerimento; e a corte d'el-rei D. Fernando sem o querer ouvir, até que por meio do arcebispo de Toledo, D. Pedro Gonçalves de Mendonça, el-rei o ouviu.»

O Padre franciscano Marchena, como vimos no citado Gomara, alentou e consolou Colombo em seu descoroçoamento pelas repulsas da corte, e lhe deu agasalhadora hospitalidade no convento de la Rabida; e do porto da proxima e pequena villa de Palos de Moguer, e quando por fim foi attendido dos reis catholicos, saiu o ousado navegante aos 30 de agosto de 1492 para a expedição que consummou felizmente.

O convento, declarado hoje propriedade nacional, acha-se em grande estado de ruina, porque depois da extincção das ordens religiosas em 1834 foi completamente devastado; occupa a assentada de uma colina obra de 60 a 80 pés de altura acima do nivel do mar, como a estampa mostra: ao longe vê-se a cidade de Huelva, actualmente capital de provincia: no centro a foz do rio Tinto que vem desembocar no mar; e inclinando para a direita divisa-se a enseada da villa de Palos de Moguer, occulta pelo morro e edificio do convento.

M.

CARTA D'UM POETA A UM ESCULPTOR. (2)

Meu admiravel esculptor.

Quem não soubesse da nossa boa e antiga amizade, havia de ter custo em explicar o nascimento d'esta obra prima, em que vós repartis commigo da vossa immortalidade. Eu mesmo, se não medisse pelo affecto que vos consagro o que vós me libaralisaes, ficaria confuso com tamanha honra. A maior que as bellas artes podem fazer a um vivo, é de certo esta. A estatua é a embalsamação antes da morte; a estatua é a apotheóse; a estatua é a gloria solidificada. O benemerito a quem ella se erige está-se vendo lá no fundo da posteridade como n'um espelho.

Honras assim, meu amigo, devem-se conferir, mas a custo, e quasi avaramente; nem se neguem aos que lhes tem jus, nem se prostituam aos que a Providencia não privilegiou ao nascer.

Já que andaes com a mão na massa de eternisar (e que bem fadada mão!) haveis de me consentir que, usando dos amplos direitos da amizade velha, eu esboce ao vosso juizo algumas ponderações, que, em todo, ou em parte, por ventura aproveitareis. Perdidas absolutamente para um tal espirito, nunca ellas hão de ser, pois m'as suggere o sentimento do verdadeiro e do bom, que, não menos que o do bello, deve presidir ás emprezas do artista em nossa edade; edade séria, utilitaria, progressiva.

Estudando-vos na minha estatua, folgo de descobrir que n'este particular pensaes vós como eu; pois déstes na commemoração das minhas obras o logar primeiro á carta de alforria que Deus me permittiu trazer á puericia. E que valem realmente em comparação d'este codigo de amor, depositario mysterioso de tanta civilisação; que valem, que pesam, que avultam, uns cantos passageiros, feitos pela ociosidade para a ociosidade, dependentes do capricho da moda, e que as transformações da lingua e do gosto poderão dentro em pouco deixar sepultados, como tantos outros, de todos os seculos, nas Necropolis das livrarias?! Amores, mythologias, e mesmo historias, que são, se se comparam com a arte de semear no semi-baldio do presente as searas opimas do futuro?!! A redempção que eu evangelisei á eschola, e cujo triumpho já no meio do martyrio se começa a entrever, esta sim que é obra de obras, e não de palavras; de beneficencia effectiva, não de ternuras vagas; não de talento, nem de brilhar, nem de ambição egoistica, mas chã obscura; calcada e fecundissima como a propria terra; obra de crer e de querer; obra fundida de fé, esperança e caridade; obra que a Providencia há de infallivelmente amparar contra perseguições e invejas, como a coisa sua; pois é ao mesmo tempo alegre como a infancia que já a ama; carinhosa, como os corações maternos que algum dia a adorarão; sisuda, forte e emprehendedora, como o espirito viril da nova era.

Propondo este ensino humano, fructo só de boas diligencias, não mereci estatuas nem admirações; benevolencias, sim; tantas, pelo menos, quantos tem sido os odios a estorvar-me de toda a parte n'este arroteamento que é para todos, e que para todos ha de ser por deradeiro.

Quem falla dos seus amores, espraia-se e parece ás vezes jactancioso; é o que me succedeu agora: fallei da civilisação pela instrucção popular, que é o meu dogma, a minha religião, a minha poesia concentrada; fui diffuso e immodesto; volto ao que dizia. Ao pordes o meu methodo acima dos meus outros pobres escriptos, mostrastes vós que a philosophia do verdadeiro, do bom, do util, vos não inspirava menos que o senso profundo, innato e intimo, do bello. Eis aqui, pois, meu caro amigo, a ponderação que eu, utilitario contumaz, me permitto dirigir-vos, e que, se esta carta for parar á imprensa, desejaria ver ajudada pelos bons engenhos que professam educar a opinião.

Dizei-me: quando no fundo da vossa officina de esculptura levantaes as mãos de um esboço que sob

(1) Tão errada era a opinião de João de Barros, como a dos cortezãos portuguezes.

(2) O sr. Manuel Maria Bordallo Pinheiro começou a sua carreira artistica, ensaiando primeiro que ninguem em Portugal a gravura em madeira, desde a fundação do *Panorama*, e desenvolvido n'esta arte largou-a aos seus discipulos para se entregar exclusivamente ao desenho. Teve por mestre em pintura o sr. Antonio Manuel da Fonseca. Fez-se retratista distincto e pintor de quadros a oleo. Desejoso de ver e adiantar-se, foi a Inglaterra, França e Hespanha. D'este ultimo paiz trouxe copias suas de originaes de Morillo e Velasquez, que lhe grangearam merecida reputação. Passou á esculptura em que se exercitou sem mestre, á força de trabalho paciente e consciencioso. Ha d'elle, além d'outras tentativas, um grupo de Camões e o Jau digno de louvor. Occupa-se ao presente n'uma collecção de estatuetas de portuguezes. O primeiro a que dedicou o seu engenho patriotico, foi o sr. A. F. de Castilho.

Se se attende a que o sr. Bordallo só póde empregar na pratica artistica os escassos remanescentes de uma vida occupada no serviço publico, reconhecer-se ha a justiça com que o sr. Castilho o qualifica de admiravel.

Pedimos venia ao animo illustrado e benevolente do poeta, e á modestia do esculptor, para dar aqui publicidade a este interessante e incitador monumento epistolographico; completamente natural do outro, que no penultimo numero, com auxilio da gravura, ajudámos a levantar.

ellas se vos está vivificando, para meditar um segredo da arte, ou esperar um novo raio de inspiração; quando, depois de pairardes com a vista em derredor por sobre modelos gloriosos de outros grandes mestres, recebeis na voz, na lingua mesma do vosso collaborador romano, umas virações longinquas da poetica Italia, d'essa grande mãe de heroes para as façanhas, e de artistas para os heroes; quando, sem transição, ou pela mais natural de todas as transições, reverteis em espirito dos ceos da Ausonia, tépidos, córados, impregnados da poesia grega, para estes, não menos poeticos, e não menos inspirativos ceos de Portugal, paiz que, similhante a Saturno, cria filhos deuses, e os devora; quando então comparaes mentalmente o pouquisimo que somos com o incommensuravel que poderamos ser, que havemos de ser, logo que a alvorada da instrucção acordar o povo, que homens mais humanos o dirijam, e leis mais sabias nos eduquem para ousar, para amar, para servir; se então a vista, desabraçando-se das estatuas que vos rodeiam, vos sáe meditativa a espairecer-se pela fronteira e cotnigua alameda do Passeio Publico, prosaico vestibulo do vosso olympico Pantheon; dizei-me, meu amigo, não sentis que n'este e nos outros campos de reunião de uma capital como Lisboa, falta alguma coisa essencial que seria facilimo doar-se-lhes! Oh! certamente! Alli, abundam as arvores e as sombras; as aguas e os cysnes; as flores e as mulheres; os passarinhos e as crianças; alli se entrelaça a convivencia; se deslembram cuidados; se distrahem penas; se assoalham modas; se pleiteam luxos; e se bebe em ares balsamicos saude e satisfação; tudo isso é muito, e bem haja o primeiro que se lembrou de incluir nos recintos das cidades populosas, estes oasis da natureza campestre esmerada pela arte; é muito, sim, mas não basta. N'estes passeios está o *hoje* em toda a sua pompa; mas onde estão n'elles o *hontem* e o *ámanhã*, que tambem lá cabiam, e com os quaes o hoje augmentaria os seus prazeres? onde estão as estatuas, pelo menos os bustos, ou sequer os nomes dos que a morte apartou da nossa vista, mas não da nossa memoria, que elles penhoraram por seus feitos, por suas virtudes, por seus escriptos? em parte nenhuma. Aqui o marmore transformou-se em cysnes, em nymphas, em deusas de rios, além, em heroes romanos: nunca n'um portuguez benemerito; e não é isto esquecer a um tempo, futuro, passado e presente?

A effigie de um conterraneo preclaro prende-nos pelo respeito ás gerações anteriores; engrandece-nos o espirito, juntando á nossa hora actual uma existencia que não tinhamos: accende-nos emulações muitas vezes fecundas; far-nos-ha por ventura corar da nossa inutilidade; cerrar-nos-ha acaso os labios em meio de uma phrase nescia ou maligna; d'essas que tão a miudo nascem no meio dos ajuntamentos, que só capricham de levianos; dará thema a conversações instructivas, a lições que em almas tenras de filhos se gravem indeleveis; quantos heroes não terão nascido de estatuas!!

Depois, quando estrangeiros, passeando por entre nós nos desdenham pequenos, já póde ser que andariam menos sobranceiros, se vissem em multiplicados monumentos a demonstração de que somos grandes.

Era isto, meu caro amigo, o que eu ha annos ponderava á nossa gente. Ninguem ouviu; se ouviram, não entenderam; se entenderam, não acreditaram; se acreditaram, não lhes importou.

Aproveitei o lanço de publicar o livro intitulado *Camões*, para auspiciar com esse nome tão nacional, não só este alvitre, mas outros egualmente exequiveis, faceis, prestantissimos: a fundação de um campo Elyseo, cemiterio privilegiado para os mortos famigerados, e inaugurado com o tumulo do cantor das *memorias gloriosas;* a assignalação official dos logares e edificios memoraveis pelo nascimento, vida, feitos, ou morte de portugezes celebres; e, que sei eu? quantas coisas optimas se não pediam alli, que já hoje poderiam ter dado tanto fructo! e nem sequer da imprensa me saiu um echo.

Ambicionei entrar vereador na gerencia municipal, só para ver se dava impulso a estas fundaçõesinhas maximas; popuz-me candidato, não me escutaram.

Por trez vezes me tenho dirigido aos Paços do Conselho como procurador dos nossos defunctos e ausentes, ausentes da memoria e gratidão de seus prodigos herdeiros, e nem uma só resposta nem sequer um *não*, para meu descanço e final desengano, alcancei nunca. Quem nos explicará, e quem absolverá estas indifferenças, estas desmemoriações, chegadas quasi a descortezes? Dizem que rescendem a poesia as minhas propostas; e que pedir poesia a vereações, o mesmo é que esperar ananazes de aboboraes; não o creio. Se o corpo municipal não teve ainda vagar para se embeber d'estas idéas, e desferir um pequeno vôo para cima do exclusivamente physico, material, e immediato, quem nos diz que não chegará ámanhã a sua hora, e se não for este, quem sabe se não será o primeiro que após este se eleger?! Terra de poesia foi sempre a de Portugal! e não creio que, só pelo facto de haver um homem aqui sido eleito para fazer aceiar e allumiar ruas, apagar incendios, matar cães, e alimpar passeios, fique *in perpetuum* condemnado a não sentir nem perceber o bello n'outra esphera de idéas menos prosaica e vulgar. Medo tenho de que fosse o ter sido eu o alvitrador, o que, logo á nascença, augurou em mal estes negocios, tão singelos de si como sympathicos e patrioticos. «Tudo que abençôo cahe» — dizia Chateaubriand: cuido que a mesma sina tive eu no berço.

Vêde vós, meu amigo, se podeis quebrar estes inintellegiveis encantamentos. Parece-me que sem muito custo o lograreis. Esculpi, para tentativa, o busto de algum eximio portuguez (antes finado do que vivo, que será diminuir-lhe impedimentos) o de Filinto, por exemplo, o de Bocage, o de Garrett ou de Silvestre Pinheiro, ou de Ferreira Borges, ou de S. Luiz, de Fernandes Thomaz, Visconde de Santarem, Corrêa da Serra; e pedi á Camara Municipal outhorga para os collocardes em qualquer dos tres passeios publicos da corte, não á custa do seu cofre, mas a expensas nossas, e dos mais amigos da gloria portugueza, que ambicionarem haver parte n'esta oblação. Obtida a annuencia, impossivel de recusar, e aberto o primeiro exemplo, imital-o-hão, além de vós mesmo, outros artistas, tomados de generosa emulação; veremos á porfia os cinzeis de Assis Rodrigues, de Victor Bastos, de Cagiani, e de outros, que após esses accorrerão com alecridade ao stadio de honra, augmentar de anno para anno a população immortal dos nossos jardins. Onde até aqui só se viu com pomposo alardo uma exposição de arbustos floridos, resplandecerá permanente a de homens nados e criados n'este uberrimo torrão, para bem o servirem em vida, e ficarem-n'o exhortando e ennobrecendo depois da morte. Que razão se levantaria contra isto? nenhuma; em favor mil, não sendo a minima o incremento que assim receberiam os estudos artisticos, e o gosto publico, até agora em infancia e ao desamparo.

Para tudo aqui serem facilidades, imaginae com que alvoroço a familia de cada personagem memoravel se faria uma festa de ir collocar, a expensas suas exclusivas, o homem ou a mulher do seu nome e do seu sangue, n'aquellas sombras honorificas, n'aquelle Elyseo sem Lethes. n'quelle Pantheon vasto, ri-

dente, descoberto ao sol, inundado de fragrancias, cheio dos hymnos das arvores, das aves, e das aguas.

Commettei, commettei a empreza, meu amigo! meu artista! meu portuguez! e boas fadas que vol-a bafejem.

Bem póde ser que, mais intellectualisada a nação, e mais apurada no sentir dentro em alguns annos, chegue a pôr entre as suas leis mais queridas a d'estas posthumas recompensas, que estimulam e fertilisam o porvir. Esperemos que algum dia, quando menos egoistas, ou mais discreta e mais nobremente egoistas uma pragmatica amoravel, que não se envergonhe de ser poetica, repute negocio do estado o decretamento de taes ovações, e que talvez até aos representantes do povo se confira o direito e o dever de votarem elles, em nome da patria, as estatuas publicas remuneratorias. Assim o praticou, mais de uma vez, em Roma, o seu senado.

Ousemos acreditar, meu bom amigo; é já um bom principio para conseguir. O Passeio Publico, diante da vossa officina, vos recorde cada madrugada o nosso empenho.

Mãos á obra! depare-vos Deus para o vosso primeiro busto, com que já conto, melhor assumpto por parte do talento, do que d'esta vez o tivestes. Por parte do coração e bons desejos, basta e sobra que vol-o offereça egual; superior, ainda elle o não creou.

Concluo supplicando-vos repartaes os meus agradecimentos com os vossos collaboradores n'esta magnifica *surpresa* com que me viestes confundir. Coelho gravando a estatua com a mestria que todos lhe admiram; Leite, illustrando-a com aquelle primor de estilo brotado do coração, que lhe affiança um dos primeiros logares entre os escriptores portuguezes; a redacção do *Archivo Pittoresco* consociando-os a ambos nas suas paginas, deram-me anticipado tamanho premio, que o não chegaria eu a justificar com um seculo de tão perseverantes e patrioticos trabalhos, como os que me tem consumido estes ultimos oito annos.

A elles e a vós abraça do coração o vosso admirador e amigo obrigadissimo. — Lisboa doze de julho de mil oitocentos e cincoenta e sete.

A. F. DE CASTILHO.

SUCCESSÃO E ACCLAMAÇÃO DOS REIS DO BÁROÈ.

Até ao anno de 1830 os reis do Bároè não eram coroados nem acclamados sem auctorisação dos portuguezes, para o que ia um dos mais abastados moradores, e de mais representação da villa de Sena, que, depois das ceremonias cafres, despejava sobre a cabeça do novo rei um frasco d'agua, que para isso levava, e que elles acreditavam ser benta, e com esta ultima ceremonia ficava reconhecido, era então acclamado rei, e a sua pessoa inviolavel.

O Bároè é hoje um reino independente, que no tempo da conquista pertenceu ao Monomotapa, e com o andar dos tempos se separou, e foi bastante poderoso. Está em contacto immediato com a villa de Sena, d'onde dista uns dez dias de jornada.

Morto o rei do Bároè, todos os principes (de differentes dynastias, por mais remotas que sejam) se apresentam em campo como pretendentes, e os povos se dividem em partidos, e assim se fazem uma cruenta guerra, que por via de regra dura annos, e em que sempre o nosso territorio e o commercio do sertão soffrem muito; até que, por fim, um dos pretendentes, tendo supplantado todos os mais, e reunido a maioria absoluta dos partidos, apparece como unico pretendente (muitas vezes com direito muito remoto de successão), e como tal manda dar parte ao governador de Rios de Sena. Ora note-se, que, durante a guerra civil, são mui frequentes os bandos de salteadores, que não tem outro fim senão roubar, e é especialmente por estes que as nossas terras da fronteira são assaltadas. A noticia de haver apparecido um rei no Bároè sempre é recebida com alvoroço em Sena, por assegurar a paz e o commercio do sertão, porque o pretendente não tolera bando algum, seja a que pretexto for, e os salteadores acolhem-se a elle para não serem perseguidos. O governador nomeia um dos moradores que esteja em circunstancias de fazer as grandes despezas que são inevitaveis, que esteja ao facto dos usos e costumes, e seja ao mesmo tempo de caracter generoso, porque representa immediatamente o governo portuguez, e leva comsigo, além dos seus escravos armados, alguma força militar para mais respeito. Logo que elle entra nas terras do Bároè, todos os cafres que o encontram, apenas o avistam, deitam-se por terra em veneração á mazi-a-manga, isto é, agua-benta, que soppõem leva para a ceremonia da coroação do rei; e logo que chega ao logar onde estão reunidos e onde ha de ter logar a ceremonia, a primeira coisa que faz é exigir ver o pretendente, se o não conhece pessoalmente. Este enviado é alojado nas melhores palhotas, hospedado o melhor que podem, e sempre tratado com o maior respeito. Geralmente no dia immediato á sua chegada começa a ceremonia.

É preciso que o enviado tenha todo o cuidado e vigilancia, e mesmo faça despezas para que o proprio pretendente seja coroado; porque logo que elle passa a ser encerrado, fica totalmente desamparado, e sem apoio algum, sujeito aos grandes, que são os a quem pertence esta ceremonia, e inexoraveis em não poupar coisa alguma dos usos e costumes. Já tem acontecido ter sido assassinado por elles o pretendente, e apparecer outro em seu logar, o que causa descontentamento geral, e após elle nova desordem. É por isso que o nosso enviado, tendo n'este caso toda a responsabilidade, exige vêl-o antes, para depois não ser enganado, e ameaça-os sempre, que não deitará a agua senão sobre o proprio que conhece.

Começa a ceremonia encerrando o pretendente em uma casa, onde está tres dias quasi em completo jejum: depois passam-o para outra feita expressamente, onde pela parte de baixo lhe fazem constantemente fumo desde manhã até á noite, e então o tornam a encerrar em outra casa, onde já está um crocodilo vivo, mas seguro de fórma que não possa fazer damno, e sobre elle cohabita com a parenta mais proxima que tem, como mãe, ou irmã, etc., com quem passa a noite em completo escuro, sem mesmo procurar saber quem é, posto que não ignore que é sua proxima parente, porque tanto um como outro teriam por mão agouro o reconhecimento. Logo que é antemanhã, ella se retira. e nunca mais a torna a ver, porque vae para o logar mais distante do reino, onde vive como soberana e senhora no distrito que lhe destinam. Na mesma occasião em que a parenta se separou d'elle, o vem buscar e o levam ao rio, onde o lavam, e depois de bem vestido ao seu uso, é conduzido a um logar espaçoso, onde está um assento ou banco de páo, a que chamam *quite*, cercado de numeroso povo. Quando se assenta, é applaudido com grande alarido; e então o enviado portuguez chega-se a elle, e, reconhecendo-o, despeja-lhe sobre a cabeça a agua que leva em um frasco, e que elle recebe com submissão, ao mesmo tempo que todo o concurso se prostra por terra, depois do que é acclamado com muitas vozerias e alaridos; e em logar de ungido, fica lavado. Proximo ao *quite*, onde está

assentado, estão um arco e flexas, e uma enxada. Depois de ter recebido a agua, e ter dado tempo á expansão publica, levanta-se, lança mão de uma das coisas, e faz menção de fazer uso d'ella. Se, contra a espectativa publica, toma as armas, divisa-se logo um descontentamento geral, porque manifesta que prefere a guerra, de que o povo está farto e cançado; mas este caso é rarissimo, porque geralmente pega na enxada, e cavando com ella duas ou tres vezes a deixa, e volta a assentar-se, e então, se manifesta uma ovação geral e acclamação do povo, por ter-lhe indicado que o seu reinado será de paz e abundancia.

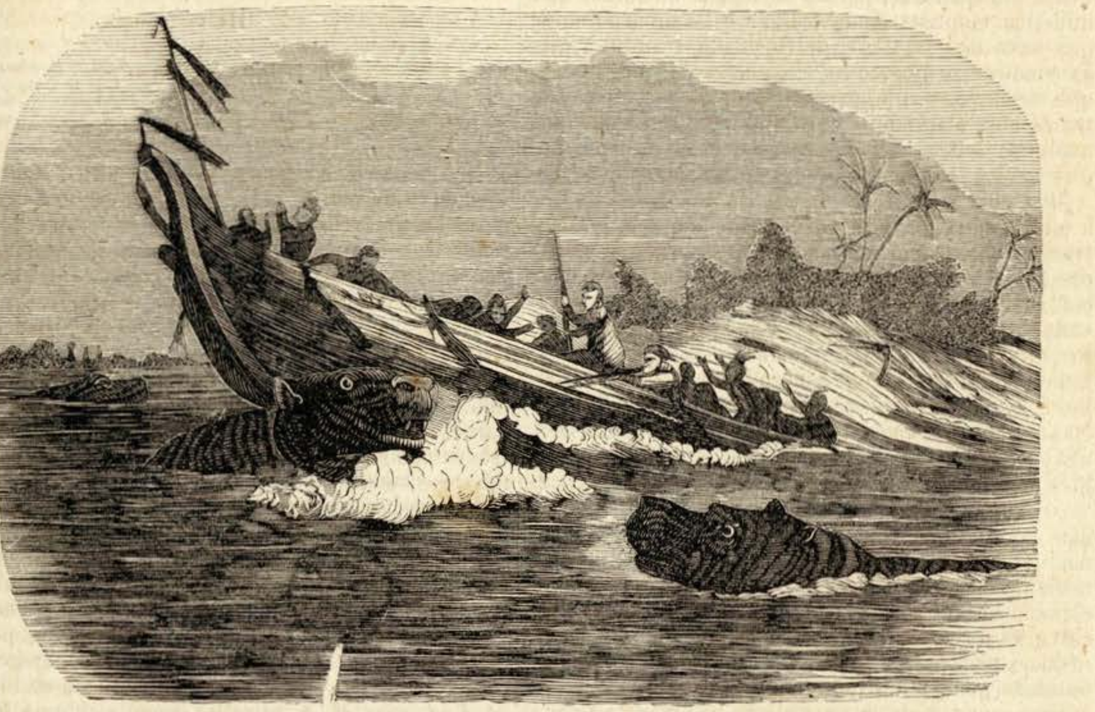
O jejum e o fumo, dizem elles, é para que o rei sinta e conheça pela experiencia a fome e os trabalhos, para poder remediar e acudir aos seus filhos (este é o tratamento que os cafres dão aos seus subditos); porque, sem nunca os ter passado, não os conhece, e por isso não os póde avaliar.

Que vasto assumpto de moralidade, quando ao sentido da acção, nos deixa toda esta ceremonia, posto que grosseira e barbara! É uma lição para os povos civilisados, dada pelos selvagens. O philosopho e o homem pensador que lhe dêem o devido apreço. A noite do crocodilo é uma superstição, e nada mais. Todos os que pertenceram ás differentes parcialidades, incluindo mesmo os chefes que o rei (então pretendente) supplantou, e que até esse dia andaram escondidos e acossados, apresentam-se em concurso com o mais povo, são abraçados pelos seus irmãos, e depois acolhidos pelo rei, como se entre elles tivesse sempre havido a maior harmonia, e não carecem de amnistia para reconciliação e segurança dos vencidos, e força de vencedores.

Em 1830 praticou-se esta ceremonia. São restos do antigo costume (de quando os portuguezes dominavam) ir um ecclesiastico levar a agua do baptismo ao rei, sem o que não era acclamado nem reconhecido, e os baroistas prostavam-se por terra em reverencia do sacramento.

A villa de Sena n'esse bello tempo importava do Bároè muito oiro, marfim, cera, etc., e havia consideravel commercio. Hoje está o commercio anniquilado, e mesmo Bároè em decadencia pela invasão dos vatuas ou olandins.

GAMITTO.



Hippopotamo ou cavallo dos rios — Gravura de Flora.

A nossa gravura representa o perigo que correram Ricardo e John Lander, na sua viagem feita em 1830 e 1831 na Africa central e occidental, com o fim de explorarem o curso e embocadura do rio Niger, que reconheceram a final desaguar no golpho de Benin no Atlantico.

Foi descendo o rio, por entre perigos e difficuldades de toda a especie que, abaixo de Rabba, se viram cercados de um numero incrivel de hippopotamos, saltando e cambeteando á roda da chalupa em que vinham, ameaçando reviral-a a cada instante.

O hippopotamo é o maior dos quadrupedes abaixo do elefante. A cabeça, longe de terminar em ponta como a do porco, acaba em focinho muito grosso. Tem as pernas tão curtas, que o ventre lhe arasta pelo chão. Acha-se apenas nos grandes rios d'Africa. É nadador e bom mergulhador. Nutre-se de vegetaes aquaticos, mas ataca e esmaga todos os seres que o inquietam. A sua pelle é espessa, escura, e quasi sem pello. Os olhos e orelhas são pequenos; os pés e mãos revestidos de quatro dedos com pequenos cascos. Tem quatro incisivos no queixo de baixo, mui grandes, agudos, e lançados para diante; e quatro no de cima curvados para baixo; os caninos são mui grandes, maximè os de baixo: todos são cobertos pelos beiços. A materia d'estes dentes é mais dura e inaltaravel do que o marfim, e por isso se lhe dá preferencia para os dentes artificiaes.

Este animal, como todos os pachydermes, tem pelle tão espessa, que exige ser humedecida continuamente. D'aqui lhe vem o desejo da agua, e o gosto que acha

em chafurdar na lama. À excepção do sentido do olphato, que tem mui fino, todos os outros são n'elle mui remotos. Tem os intestinos mui compridos; o cego e o estomago mui largos; e este ultimo dividido por constricções, em mais ou menos bolços. São em verdade animaes temiveis e monstruosos!

ESTUDOS BIOGRAPHICOS

por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco.

Uma das mais notaveis feições d'este seculo é sem contestação a sua tendencia para os estudos historicos. Parece que a humanidade, começando a entrar na terra da promissão, lança olhos curiosos sobre o passado e interroga com anciedade os caminhos que a tem conduzido através das edades. Todos ambicionam saber como existiram tantas sociedades perdidas no meio da peregrinação geral, e como tantas outras que venceram o cançaço e as lutas, vão chegando transformadas. É em verdade um estudo util e indispensavel para a sociedade moderna, mas difficil a empreza de investigar e lavrar a mina de que se ha de extrahir a preciosidade, e obral-a com as condições e judiciosas exigencias da philosophia, que desde o seculo passado tem alcançado tantos triumphos, alargado o seu imperio, e servido, como nenhuma outra a civilisação moderna, humanisando-se até se tornar applicavel ao trabalho social.

Mas nem porque são tamanhas as exigencias que a philosophia impõe modernamente a quem ousa entrar no sacerdocio de historiador, para que o não profanem mercenarios que nem luz de razão esclarecida, nem boa fé e imparcialidade, nem vocação provada habilitam; — póde dizer-se que muitos espiritos, que não são aboslutamente escolhidos, são de todo perdidos para a grande missão, e o seu trabalho frustrado, porque não attinge logo o ultimo alvo. Não. O que junta com paciencia e esforço materiaes, não é menos benemerito do que o architecto que lhes assigna logar que os affeiçoa, e com elles levanta o monumento. A cada um seu destino. Nem todos os pulmões podem resistir ás rarefacções das maiores alturas. No lavor historico ha trabalho para mãos de todas as destrezas. A obra que hoje annunciâmos, se não revela a intenção d'um espirito liberal e desprevenido, e não mostra cunho de maior primor, nem por isso merece a condemnação da obscuridade, porque é fructo de trabalho muito aturado, e uma como materia prima que a muitos usos e a muitas mãos póde aproveitar, e aproveitará por certo.

Os *Estudos Biographicos ou noticia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes á bibliotheca nacional de Lisboa*, escriptos por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, bibliothecario-mór da mesma bibliotheca, recentemente publicados pelo editor Francisco Arthur da Silva (rua dos Douradores n.º 31 E), formam um volume em folio de cerca de 400 paginas. Pondo de parte a doutrina politica, e a religiosa *ultra*-ultramontana do auctor, sua natural congenita, que pelo immediato correctivo que encontram no espirito d'este seculo, que as desterra á região do romance ficam reduzidas ás exiguas e pacificas proporções; os *Estudos Biographicos* ostentam muita erudição, e serão sempre guia prestante a quem quizer um fio para investigações, por que alli se encerram de toda a especie, e sobre variadissimos assumptos da historia nacional e estrangeira. Alli se encontram noticias de grande numero de individuos nascidos em Portugal e fóra d'elle, cujos retratos estão na galeria da bibliotheca nacional. Escreve-se-lhes da patria, da familia, da epocha em que floresceram, e do bom ou máo uso que fizeram de seus dotes e talentos, tudo corroborado com os documentos e memorias que póde encontrar, e visto pelo prisma do auctor, que levou o seu escrupulo a não seguir no seu trabalho a ordem alphabetica dos nomes, mas a preferir a hierarchica, em tres divisões: primeira santos; segunda estado ecclesiastico; terceira seculares; descrevendo chronologicamente cada uma das classes entre si.

Os *Estudos Biographicos* contém quatrocentas quarenta e quatro biographias, (quasi todas de distinctos varões portuguezes), e grande numero de descripções topographicas. É livro util para consulta, á parte a parte d'elle, que toca ás opiniões religiosas ou politicas do auctor, que já não estão em moda, e que sempre foram difficeis de justificar com plausibilidade de boas razões.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

III.

O que é Londres. — Um passeio pelas ruas, praças e jardins. — *Regent-Street* á noite. — As crianças em St. James. — O chapeo. — Pobre Irlanda! — O gaiato. — Policia modelo. Londres ao domingo.

Não tentarei a descripção de Londres. Sobre ser quadro vasto, impossivel de accommodar-se nas breves notas de uma viagem, não me julgo habilitado para traçal-o; e todavia demorei-me alli cerca de dois mezes, e vi muitas das principaes coisas, que chamam a attenção do observador. Mas é que Londres resume a grandeza, a sciencia, a industria, a riqueza, e o fausto da Inglaterra, e por isso carece de annos para conhecer-se no admiravel desenvolvimento de suas instituições, de suas emprezas, e de suas obras gigantescas. Direi, pois, pouco e sobre poucas coisas, traduzindo com fidelidade as variadas impressões que ellas me suscitaram.

Londres divide-se naturalmente em tres grandes bairos, a cidade velha, a cidade nova, e a cidade d'além-rio. A cidade velha, ainda hoje denominada a *city*, é a parte quasi exclusivamente commercial da povoação. N'ella se encontram as docas, a alfandega, o banco, a moeda, o correio, e muitos dos principaes armazens. No seu centro campêa a magestosa cathedral de S. Paulo, sobre a pequena eminencia de *Ludgate reid*. À beira do Thamisa n'uma ligeira encosta está situada a antiga Torre de Londres. Este bairro tem uma physionomia particular. As ruas são n'elle geralmente mais estreitas, e os edificios mais antiquados e irregulares. Sobretudo a concurrencia de gente em algumas das suas ruas e vehiculos, é pasmosa e quasi procissional. Não é raro ter o viandante de esperar cinco ou dez minutos que se interrompa por um pouco a longa fila de omnibus, carruagens, *cabs*, *waggons* e carros de mão, para atravessar de um lado para o outro. A cidade nova, que se estende para o oeste, desde Strand até Chelsea, Padisgton e Regent's park, é a parte elegante, grandiosa e aristocratica da povoação. Alli se vêem as mais bellas ruas, os lindos *squares* (1), os soberbos edificios, os vastissimos passeios, e os numerosos theatros, museus e bazares. *Trafalgar square* é o centro d'este magnifico bairro, onde vem confluir as ruas mais frequentadas d'elle. A formosa abbadia de Westminster,

(1) Praças ajardinadas no simples e bellissimo gosto inglez.

o colossal palacio do parlamento, o riquissimo museu britannico, a formosa *Regent-street*, primeira rua do mundo, o vasto *Colousseum*, distinguem-se alli entre milhares de construcções mais ou menos sumptuosas e originaes. As classes ricas povoam em boa parte este grande bairro, e Eaton-square, Belgrave-square, Portman-square, e Portland-place, são residencias dignas de principes. Infinitos omnibus e luzidas equipagens cruzam as ruas, em cujos largos passeios a turba peã gira e espairece. As lojas ostentam em seus amplos e rasgados mostradores infinita variedade de valiosas mercadorias. Tudo o que a arte ou a natureza póde offerecer de mais bello alli se encontra; tudo o que luxo póde appetecer de mais caprichoso alli se satisfaz. *Money* (1) é a varinha magica que tudo alcança.

A cidade d'além-rio dominada Southwark, que se estende desde Lambeth até Surey e Deptford, é a parte, a bem dizer, fabril da povoação. Além de vastos armazens e estaleiros, predominam alli as fabricas de diversos generos, principalmente fundições de ferro, saboarias e gazometros. A grande quantidade de chaminés, altas e esguias, como miranetes de mesquita oriental, espalham na atmosphera nuvens de fumo de carvão, cujos vestigios ennegrecem as paredes dos muros e officinas. Este bairro possue, todavia, algumas ruas espaçosas, como *Borough* e *Westminster road*, principalmente habitadas por mercadores e logistas. As concorridas estações dos caminhos de ferro do sul e léste, que por Folkston e Southampton communicam a Inglaterra com a França e o Occeano, acham-se alli estabelecidas. Ainda que ligada á margem do norte por pontes, esta parte da cidade apresenta, em geral, um notavel contraste de inferioridade pelo que respeita ao movimento, ás construcções e ao aceio. Taes são os divisões naturaes da opulenta capital das dez mil ruas, travessas, becos e pateos, das oitenta praças de todos os tamanhos, e das cento e setenta mil casas!

O estrangeiro que pela primeira vez chega a Londres não carece de maior distracção durante alguns dias que a de divagar pelas ruas, praças e passeios da nobre cidade. Se elle pertencer á nossa abençoada peninsula, n'esse caso algumas semanas não serão, talvez, prazo excessivo para esta *interior excursion* (2) É que nada ha que possa comparar-se á variadissima, original e interessante scena, que o espectador tem diante dos olhos para qualquer lado que os mova, ou se mova, assim de dia como de noite. Aqui o detem, extatico e enlevado, *Regent-street* (3), com os seus edificios regulares e amarellados, com a sua imponente largura com o seu gracioso *quadrant* (4), com as suas esplendidas lojas, com os seus espaçosos passeios, e sobretudo com as suas formosas passeantes! Alli o assoberba, involuntario e quedo, *Trafalgar square* com o pezo de suas recordações gloriosas, com o apparato de seus edificios magestosos, com o incrivel movimento de suas extensissimas avenidas. Acolá o attrahe, gostoso e errante, *St. James's park*, com os seus bellos taboleiros de verdura, em que as crianças se revolvem, correm ou comem socegadamente o seu *cake*, (5) com o seu curvo riacho, com as suas tortuosas ruas e viçosas arvores, com a magnifica perspectiva de seus visinhos palacios e das altas e gothicas torres de Westminster. Mais longe surprehende-o a *City* (6) com a estreiteza das suas ruas, com o transito e borborinho de milhares de vehiculos e passageiros, com a animação dos seus mercados e lojas, com a concurrencia aos estabelecimentos que são a alma do commercio d'esta grande nação. Se, ahi, o acaso ou a corrente da multidão o faz descer para as margens do rio, *London bridge* (1) a rainha das pontes de pedra, lhe offerece o grandioso espectaculo de uma espaçosa entrada litteralmente cheia de carruagens e viandantes, e o de um largo rio litteralmente coalhado de embarcações. Se depois, mettido n'um omnibus, carruagem economica o omnipresente dos cidadãos londrinos, atravessar algumas milhas e der comsigo na extremidade occidental da cidade *Regent's park*, (2) com a sua immensa e accidentada área, com as suas amplas e engradadas avenidas, em que as delicadas *ladies* (3) galopam garbosamente, largando ao vento seus transparentes véos, com os seus abundantes canaes e suaves ondulações, com os seus instructivos, mas resguardados jardins, com os seus deliciosos pontos de vista, em que a belleza do campo se enterlaça com a magnificencia da cidade, Regent's park, digo, fal-o-ha bocejar, algumas vezes, não de tedio ou de somno, mas da mais pura e merecida admiração. De volta para casa, já repleto de impressões e de fome, ainda novas scenas o esperam. Descerá, provavelmente, por *Portland place*, e ahi maravilhal-o-ha, sem duvida, essa larguissima, grave, silenciosa e verdadeiramente aristocratica rua, que é o local estimado dos millionarios inglezes. Um passeio nocturno pelas ruas entre *Charing Cross* e *Oxford street* não deve excitar-lhe menor interesse. As lojas brilhantemente illuminadas figuram uma galeria de bellos salões, e espalham nos passeios adjacentes intensa claridade. Distinguem-se perfeitamente todas as physionomias, o que equivale a dizer, que se tornam visiveis os formosos rostos das mulheres inglezas...

N'este ponto, se o nosso observador tem a fortuna ou a desgraça de possuir dois dedos de esthetica, vem-lhe necessariamente agua á boca, e se o domina o sestro de escrever o que sente, espirram-lhe dos bicos da penna novos pontos de admiração. É que, com effeito, a mulher é uma das maiores entre as grandes preciosidades da Inglaterra. Nenhum paiz conta como ella, uma tão favoravel proporção entre o numero das bonitas e o das feias. Nenhum, a não ser a Circassia, lhe leva a palma na producção de formosuras, como as de Anna de Bouleyn, de lady Hamilton, ou de lady Knatshbull.

Outro dos bellos typos que jámais esquecerei, é o da criança ingleza. Fui uma tarde passear a St. James's park, e na longa avenida que fica do lado de *Carlton house* vi uma reunião, que me excitou a curiosidade. Era uma especie de mercado campestre, em que havia de mistura grande numero de crianças, maiores e mais pequenas, de amas ou governantas, de vendedeiras de chá, leite e bolos, e de vaccas, que junto das mesas e fogareiros retouçavam o seu feno. Sentei-me no no meio d'aquelle ajuntamento de *little people*, (4) dos pequenos cidadãos, a quem a engenhosa previdencia britannica faculta os seus pontos de reunião, de *refreshment*, (5) de passeio e de folguedo. Pareceu-me ver alli no esmero, no livre movimento de educação physica, um dos segredos da superioridade d'esta raça emprehendedora. Estive gozando, até ao cahir da noite, a amenidade do tempo, e vendo as operações d'aquelle mercado singular. Quiz por vezes entabolar relações com alguns dos sympaticos compradores, mas o estrangeirismo do meu aspecto, todo peninsular afugentava-os. O mais que consegui foi beijar a nivea e bochechuda face de um ou outro.

(1) Dinheiro.
(2) Passeio ou excursão interna.
(3) Rua do Regente.
(4) Sitio em que a rua descreve uma curva, que lhe augmenta a belleza.
(5) Bolo.
(6) Cidade antiga.

(1) Ponte de Londres.
(2) Passeio do Regente.
(3) Senhoras nobres, ou de distincção.
(4) Povoação infantil.
(5) Refeição.

Uma das particularidades mais distinctivas do trajo inglez é o uso infallivel do chapeo nas mulheres. A ingleza mais pobre, miseravel, velha e repugnante, nunca é vista na rua sem o seu *bonet and shawl*. (1) Tambem não é raro ver homens de casaca trabalhando nas calçadas ou varrendo as ruas. Posto que esta uniformidade seja, até certo ponto, caricata, segundo os nossos habitos, ella mostra entretanto, uma forte tendencia para a egualdade, para a fusão material das condições sociaes. Todas as vezes que encontrava as rechonchudas raparigas irlandezas, que por toda a parte vendem laranjas e pedem esmola, sentia um mixto indefinivel de compaixão e hilaridade, promovida esta ultima pelo classico chapeo em contraste com o «pé e perna». A raça irlandeza, bella e resignada, até nas ruas da capital vem ostentar o triste quadro do seu abandonno e da sua oppressão. Uma mulher, ainda no vigor da edade, pediu-me esmola um dia, accrescentando que nada tinha comido durante elle. Preguntei-lhe d'onde era. «*Irish!*» (2) foi a sua reposta. Pertencia, pois, a essa desditosa nação que a manopla da Inglaterra ainda traféga, e que a Providencia tão cruelmente tem castigado pela escacez ou destruição das colheitas, e até pela espantosa fecundidade da sua povoação. A morte pela fome, ou a miseria pela emigração, taes são os duros extremos a que se sujeitam milhares de irlandezes. A libertação da pobre Irlanda, sonho doirado e lucrativo de O'Connell, e amargo desengano de O'Brien, depende mais talvez dos esforços da democracia ingleza, que do aliás impotente esforço local. O trabalho lento, mas constante e progressivo d'este partido é que ha de limpar pouco a pouco o solo sagrado da liberdade, das muitas e monstruosas impurezas que ainda o maculam. Em nenhuma parte ha tanto a respeitar e conservar, e tanto a minar e destruir. Em nenhuma prate o povo é tão livre individualmente, e politicamente tão illudido!

Outro typo que me deu em vista foi o do gaiato.



O gaiato londrino, que, por via de regra, se occupa em varrer algumas das numerosas passagens nas ruas mais frequentadas, arredando para um e outro lado o enxurro que ellas accumulam por occasião das chuvas, merece as honras particulares de galeria. É um rapazola mal entrouxado, que vos persegue nas taes encruzilhadas, fazendo mesuras, meneando a vassoura e saltando na vossa frente como um gamo. Se lhe escorregardes algum *half penny*, (1) luzir-lhe-ha o olho, e dar-vos-ha o costumado *trank you*. (2)

Quem, fallando da gente de Londres, poderá esquecer o amigo *policeman*, protector nato de conterraneos e estrangeiros? Pela minha parte declaro que nunca vi policia mais polida, mais cuidadosa e mais util.



Regent street

Que innumeraveis obrigações eu não devi a esses santos homens de casaca azul e romeira oleada?

Quem sabe se, sem elles, eu teria de ficar alguma noite perdido e embrenhado no labyrintho das ruas? Quem sabe se, sem elles, eu poderia andar com segurança por quanto sitio mais e menos frequentado tem a cidade? Recolhendo alta noite para casa, eu via estes homens zelosos tentearam minuciosamente, se as portas estavam bem fechadas. Nas estações dos caminhos de ferro elles indicavam aos passageiros a direcção dos trens, as horas de partida, e logar que deviam tomar para não incommodarem nem serem incommodados. Nas ruas mantinham o mais escrupuloso aceio e uma perfeita segurança. Em geral elles exercem pelo seu caracter de funccionarios publicos, e pela sua prudente firmeza, um notavel ascendente sobre a povoação, e a sua presença com a formula sacramental *in nam of the law* (3) basta n'um grande numero de casos, para desfazer motins e capturar os grandes criminosos.

O domingo em Londres é d'uma semsaboria proverbial. As lojas fechadas, as ruas desertas, os repiques dos sinos, as egrejas cheias de devotos, as tabernas atulhadas de freguezes, taes são as feições que distinguem esse dia monotono. O honesto cidadão encaixa-se em casa ou vae espairecer ao campo.

A tafula criada de servir sáe a passeio, e só de noite regressa a casa de seus amos. Os passeios são tambem concorridos ao domingo. Todavia nunca descobri n'elles nem n'outra alguma parte, o typo puro e extremo do peralvilho, como avulta em Lisboa, e como depois o fui observar em Paris. Os inglezes tem o admiravel bom gosto de não serem janotas. São muito livres em seus movimentos para se sujeitarem ao empertigado molde de um espartilho, e bastantemente judiciosos para perderem o tempo por cavacos e soalheiros em escandalosa ociosidade. Contentam-se da modesta honra de apresentarem o seu paiz cortado de caminhos de ferro, coalhado de fabricas, primorosamente cultivado, e abundantemente cheio de tudo quanto ha rico ou curioso, util ou agradavel á vida. E por isto lhes não quero eu mal.

Assim o governo não procurasse engrandecer-se, como o tem feito, á custa e com o suor e o sangue dos povos pequenos, fracos, e atrazados!

J. FELIX NOGUEIRA.

(1) Chapeo e chale.
(2) Irlandeza.

(1) Meio penny; vale dez reis.
(2) Obrigado a vossa mercê.
(3) Em nome da lei.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 1 B